

Panels sobre a fauna do Parque Natural de Corrubedo e lagoas de Carregal e Vixian, no Centro de Información sobre o Litoral-CIELGA. Ribeira-A Coruña (Galiza) © UDC

Os problemas ambientais à escala global e nacional (Portugal) | estadual (Brasil) na perspetiva de estudantes da ESECS-IPL e do Centro Universitário de Santa Fé do Sul–UNIFUNEC:

Identificação e análise comparativa *Environmental problems on a global and national (Portugal)/state (Brazil) scale from the perspective of students from ESECS-IPL and from Centro Universitário de Santa Fé do Sul–UNIFUNEC: Identification and comparative analysis*

Mário Acácio Borges de Melo Correia de Oliveira¹ , Olga Maria Assunção Pinto dos Santos¹ , Ana Paula dos Santos Prado²  e Regina Maria de Souza² . 1. Instituto Politécnico de Leiria (Portugal) 2. Centro Universitário de Santa Fé do Sul/UNIFUNEC (Brasil)

Resumo

O presente estudo foi executado no período letivo 2021-2022, a partir de um questionário proposto aos alunos da Licenciatura em Educação Básica, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria (ESECS-IPL), Portugal, e da Licenciatura em Pedagogia, do Centro Universitário de Santa Fé do Sul-UNIFUNEC, no Brasil. Teve como objetivo conhecer e analisar as opiniões dos estudantes acerca dos principais problemas ambientais da atualidade, em âmbito global, nacional (Portugal) e estadual (Brasil), bem como perceber de que forma se autoavaliam relativamente à sua sensibilidade perante as questões ambientais. O estudo evidencia preocupações dos estudantes das duas instituições de ensino superior em relação aos problemas ambientais da atualidade, ainda que das várias questões apresentadas haja diferenças na priorização das problemáticas em análise.

Abstract

The present study was carried out in the academic period 2021-2022, based on a questionnaire proposed to students of the Degree in Basic Education, of the School of Education and Social Sciences of the Polytechnic Institute of Leiria (ESECS-IPL), Portugal, and Degree in Pedagogy, from the University Center of Santa Fé do Sul-UNIFUNEC, in Brazil. Its objective was to know and analyze students' opinions about the main current environmental problems from a global and national (Portugal) or state (Brazil) perspective, as well as to understand how they self-evaluate their sensitivity to environmental issues. The study highlights the concerns of students from both higher

education institutions in relation to current environmental problems, although there are differences in the prioritization of the issues under analysis among the various issues presented.

Palavras-Chave:

Problemas ambientais; Opiniões de estudantes; Educação ambiental.

Keywords:

Environmental problems; Student opinions; Environmental education.

Introdução

O presente estudo foi executado no período letivo 2021-2022, a partir de um questionário proposto aos estudantes da Licenciatura em Educação Básica, da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Politécnico de Leiria (adiante, ESECS-IPL), em Portugal, e da Licenciatura em Pedagogia, do Centro Universitário de Santa Fé do Sul - UNIFUNEC (adiante UNIFUNEC), no Brasil. O questionário, de resposta voluntária e anónima, foi disponibilizado aos estudantes através da ferramenta “Google Forms”, na ESECS-IPL, e plataforma Moodle, na UNIFUNEC, tendo sido recolhidas 113 respostas por parte dos estudantes da Licenciatura em Educação Básica (ESECS-IPL) e 53 respostas, por parte dos estudantes da Licenciatura em Pedagogia (UNIFUNEC).

O presente estudo teve como objetivos conhecer e analisar as opiniões dos referidos estudantes acerca dos principais problemas ambientais da atualidade, considerados numa perspetiva global, nacional (Portugal) e estadual (Brasil), bem como perceber de que forma esses estudantes

se autoavaliam relativamente à sua sensibilidade perante as questões ambientais.

O conjunto de opiniões expressas pelos estudantes relativamente aos principais problemas ambientais da atualidade, explicitadas à escala global, mas também nacional (Portugal) e estadual (Brasil), bem como a questão da autoavaliação no tocante à sensibilidade apresentada perante questões ambientais, foram objeto de análise quantitativa e qualitativa, no tocante ao conteúdo das respetivas respostas. O corpo de dados utilizado no presente estudo foi elaborado e analisado de forma a permitir evidenciar as principais opiniões reveladas, comuns e contrastantes, tendo em consideração as realidades ambientais e culturais a que pertencem os dois grupos de estudantes participantes do estudo. De igual forma, permite analisar e discutir os resultados da forma como os estudantes se autoavaliam relativamente à sua sensibilidade perante as questões ambientais da atualidade. Os resultados alcançados com a realização deste trabalho podem constituir-se uma mais valia na fase de conceção de projetos e iniciativas de educação ambiental em países lusófonos, já que permitem uma maior adequação dos

mesmos à população a quem se destinam, podendo contribuir para superar algumas das lacunas detetadas.

Fundamentação

A população humana tem vindo a crescer a um ritmo aproximado de 75 milhões de novas pessoas por ano, o que nos conduzirá ao impressionante número de 9 mil milhões de humanos a habitar o planeta no início da década de 2040 (SACHS, 2017). Este aumento demográfico tem-se feito acompanhar de impactes ambientais progressivamente mais graves e diversificados, bem como de estudos visando identificar formas de os enfrentar. De entre os muitos estudos efetuados, MÁXIMO-ESTEVES (1998), salienta o Relatório “Our common future”, também conhecido pelo Relatório Brundtland, divulgado em abril de 1987, onde se consideram como problemáticas ambientais que mais afetam o mundo “(a) o aumento demográfico, (b) a alimentação, (c) o desaparecimento de espécies e ecossistemas, (d) as consequências do desenvolvimento energético, (e) as indústrias e conseqüente contaminação ambiental e (f) o crescimento urbano acompanhado de fenómenos de miséria e pobreza” (p.76). Não obstante o tempo decorrido, este diagnóstico parece não só não ter perdido atualidade, como ser perfeitamente atual, já que o rápido crescimento demográfico verificado nas últimas

décadas, bem como os impactes que o mesmo determinou, fruto da necessidade de satisfação de necessidades individuais, mas também da voracidade dos desadequados modelos de desenvolvimento implementados pela humanidade, causaram cada vez mais fortes desequilíbrios no sensível equilíbrio planetário. Em consequência dessa constatação, SACHS (2017), referindo os limites planetários definidos nos trabalhos de ROCKSTRÖM et al. (2009) - as alterações climáticas (em situação crítica), a acidificação dos oceanos, a destruição do ozono estratosférico, o desequilíbrio dos ciclos biogeoquímicos, com destaque para o do azoto (já ultrapassado) e fósforo, o consumo mundial de água doce, as alterações no uso das terras, a perda de biodiversidade (já ultrapassado), a concentração de aerossóis na atmosfera (ainda não quantificado e, por fim, a poluição química (não quantificada) – alerta para a necessidade imperiosa de não os ultrapassar, facto que obriga à adoção, urgente, de estratégias adequadas para o evitar. Naturalmente, perante este cenário, é relevante avaliar até que ponto os cidadãos estão conscientes destas problemáticas, com particular destaque para as gerações mais novas, justamente aquelas que terão “uma vida pela frente” e, nesse percurso, ser confrontadas com os impactes das alterações introduzidas no ambiente pelas gerações que as antecederam, mas também pela sua própria geração. Neste contexto ambiental pouco animador, a educação ambiental reafirma-se como uma das

vias a que é necessário recorrer, visando melhorar o nível de conhecimentos e de reflexão sobre novos valores e atitudes a adotar no sentido de se alcançar um mais harmonioso relacionamento humano com o ambiente.

Para além dos limites planetários anteriormente referidos, os quais poderão também ser entendidos como são indicadores do conjunto de problemas ambientais mais relevantes da atualidade, um relevante trabalho de investigação desenvolvido em Portugal (SCHMIDT et al., 2010), entre 2005 e 2007, permitiu conhecer as áreas temáticas mais trabalhadas em Portugal, em sede de projetos e iniciativas de educação ambiental. Dessa forma, por ordem decrescente, os temas mais abordados, porventura reflexo da maior importância que lhes eram social e politicamente atribuídos, foram: Resíduos, Conservação e biodiversidade, Água, Energia, Ambiente/ Desenvolvimento sustentável em geral, Ambiente urbano, Cidadania e participação, Florestas, Património histórico-cultural, Zonas costeiras, Ar e atmosfera, Saúde e qualidade de vida, Ciência e tecnologia, Agricultura, Actividades económicas e, por fim, Consumo, temas estes que podem ser indicadores das preocupações ambientais existentes em Portugal, na primeira década do presente século. Uma breve análise ao Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário (PEDROSO, 2018) per-

mite verificar que os principais temas a trabalhar deverão ser a Sustentabilidade, Ética e Cidadania, a Produção e Consumo Sustentáveis, o Território e Paisagem, as Alterações Climáticas, a Biodiversidade, a Energia, a Água e os Solos. Por sua vez, uma análise à Estratégia Nacional de Educação Ambiental 2020 (APA, 2017) permite constatar que as ações nela inscritas se submetem a três pilares essenciais, a saber, Descarbonizar a sociedade, Tornar a economia circular e Valorizar o território, através dos quais se pretende contribuir para Uma *“cidadania ativa no domínio do desenvolvimento sustentável e para a construção de uma sociedade justa, inclusiva e de baixo carbono, racional e eficiente na utilização dos seus recursos, que conjugue a equidade entre gerações, a qualidade de vida dos cidadãos e o desenvolvimento económico”* (APA, 2017).

No Brasil, país de dimensão continental, falar de questões ambientais dominantes é particularmente difícil, tal a diversidade de ecossistemas e de realidades ambientais existentes no seu vasto e heterogéneo território, mas também face à realidade cultural existente. Não é de estranhar, então, como referem MAZZOCATO e RIBEIRO (2013), que

a questão ambiental ainda é pouco conhecida pela população no Brasil e atinge basicamente as classes mais privilegiadas da sociedade. Muitos desconhecem, mas a Educação Ambiental já é lei no país. A Lei nº 9.795 de

27/04/1999 institui a Política Nacional de Educação Ambiental a qual reza que todos os níveis de ensino e da comunidade em geral têm direito à educação ambiental e que os meios de comunicação devem colaborar para a disseminação dessas informações (p.615).

Não obstante, a análise ao documento “Os Diferentes Matizes da Educação Ambiental no Brasil 1997/2007” (MINISTÉRIO DO MEIO AMBIENTE-SECRETARIA DE ARTICULAÇÃO INSTITUCIONAL E CIDADANIA AMBIENTAL-DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL, 2008) permitiu constatar que em 2003, as Pré-Conferências da Conferência Nacional do Meio Ambiente se guiaram a partir de seis eixos temáticos - Recursos hídricos; Biodiversidade e espaços territoriais protegidos; Infraestrutura (transportes e energia); Agricultura, pecuária, recursos pesqueiros e florestais; Meio ambiente urbano e Mudanças climáticas- facto que nos leva a considerar serem estes os principais desafios ambientais no país, os quais se presume mantenham inalterados até à atualidade.

Perante este contexto, o grau de conhecimento patenteado pelos jovens estudantes relativamente às problemáticas ambientais a várias escalas, sejam elas locais, regionais ou globais, é fortemente condicionado pelas aprendizagens realizadas em contextos formais, resultantes do trabalho de conteúdos curriculares específicos ministrados ao longo do seu percurso académico, particularmente os associados às disciplinas de Geografia, Biologia, Geolo-

gia ou Ecologia, entre outras, mas também noutros contextos, como se pode perceber das recomendações constantes do Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário (PEDROSO, 2018) e da existência de uma Estratégia Nacional de Educação Ambiental 2020 (APA, 2017), bem como os associados às múltiplas iniciativas e projetos de educação ambiental que se vêm realizando por todo o mundo ou, ainda, pelo papel relevantíssimo que os meios de comunicação de massa, desempenham em termos de formação da opinião pública (FERNANDES, 2001).

Relativamente ao grau de conhecimento dos jovens universitários a conteúdos e informação ambiental relevante, CÔRTEZ et al. (2016), referindo MORIGI e KREBS, 2012 e SILEIRA e CRUZ, 2012, salientam o cada vez maior e mais fácil acesso atualmente existente aos média, bem como, referindo MINTZ et al. (2014), REMINGTON-DOUCETTE et al. (2013) e GROSS (2013), aludem à gradual integração deste tipo de conteúdos nas diversas licenciaturas, seja através da inserção destes conteúdos em disciplinas tradicionais, seja pela sua oferta através de disciplinas específicas.

Os mesmos autores, referindo HARTMANN e APAOLAZA (2012), LEVINE e STRUBE (2012) e MARKOWITZ et al. (2012), alertam para o facto de, não obstante esta “*maior disponibilidade de informações ambientais em diversas*

mídias, da inserção de conteúdos, da oferta de disciplinas específicas ou do desenvolvimento de projetos ambientais nas universidades, isso não implica no desenvolvimento de uma consciência sobre questões ambientais que reflitam no comportamento ambiental dos estudantes universitários.” (CÔRTEZ et al., 2016, pp. 111-112).

Metodologia

O presente estudo tinha como objetivos conhecer e analisar as opiniões dos estudantes da Licenciatura em Educação Básica, da ESECS-IPL, em Portugal, e da Licenciatura em Pedagogia, do UNIFUNEC, no Brasil, acerca dos principais problemas ambientais da atualidade, considerados numa perspetiva global, nacional (Portugal) e estadual (Brasil), bem como perceber de que forma esses estudantes se autoavaliam relativamente à sua sensibilidade perante as questões ambientais.

Os dados foram recolhidos durante o ano letivo de 2021/2022, através da aplicação de um questionário em formato digital, de resposta voluntária e anónima. O questionário foi disponibilizado aos estudantes através da ferramenta “Google Forms”, no caso da ESECS-IPL, e pela plataforma Moodle, no caso da UNIFUNEC. Como resultado da aplicação do questionário, obtiveram-se 113 respostas de estudantes da Licenciatura em Educação Básica (ESECS-

-PL) e 53 respostas de estudantes da Licenciatura em Pedagogia (UNIFUNEC).

O critério de codificação adotado em relação aos participantes da pesquisa, teve por base a atribuição da sigla EEB1 até EEB113 para os estudantes de Educação Básica (ESECS-IPL) e EP1 até EP53 para os estudantes de Pedagogia (UNIFUNEC), sendo o número correspondente à ordem de chegada das respostas do questionário aos suportes digitais utilizados para a recolha dos dados.

Os pressupostos da investigação ditaram a adoção de uma pesquisa de métodos mistos, com abordagem qualitativa e quantitativa. GÜNTHER (2006), defende que a investigação, enquanto processo de construção de conhecimento, deve, sempre que possível, utilizar as várias abordagens, qualitativas e quantitativas, que se adequam à questão de investigação. O facto de as perguntas do questionário utilizado serem multifacetadas, comportam e justificam mais de um método de acordo com o mesmo autor. A combinação de métodos no tratamento dos dados, proporcionará também uma maior compreensão das respostas às questões de investigação, já que a utilização de um único método se torna mais redutor (CRESWELL & CLARK, 2013).

Os dados recolhidos constituíram o corpo do presente estudo que, só depois de tratados se tornaram significativos para

a investigação (BARDIN, 2015). Os dados recolhidos das questões fechadas foram transpostos para gráficos, sendo o seu tratamento estatístico. As respostas às questões abertas tiveram um tratamento qualitativo, procedendo-se à análise de conteúdo, tendo sido categorizadas por semelhança ou aproximação de conteúdo, agrupadas pela relação entre temas e justificadas pelas respetivas unidades de registo (CARMO & FERREIRA, 2008).

Resultados e discussão

O tratamento dos dados recolhidos permite constatar que a amostra utilizada era constituída por 166 estudantes, 113 dos quais pertencem à ESECS-IPL e 53 à UNIFUNEC. Destes 156 estudantes, apenas 7 pertencem ao género masculino, sendo todos estudantes da UNIFUNEC.

O gráfico 1 refere-se à distribuição dos respondentes por grupos etários, sendo de destacar que 153 deles (92,7%) se

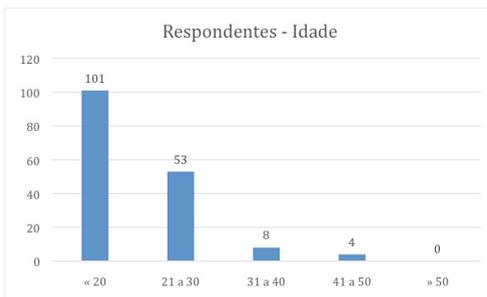


Gráfico 1. *Idade dos respondentes.* Fonte: Elaboração própria

encontra abaixo dos 30 anos de idade e, destes, 101 (60,8%) têm menos de 20 anos.

O gráfico 2 revela a distribuição dos respondentes por ano do curso que frequenta, sendo de destacar o facto de na ESECS-IPL a Licenciatura em Educação Básica apenas ter duração de 3 anos, enquanto a Licenciatura de Pedagogia na UNIFUNEC ter 4 anos de duração. Constata-se, também, que a maioria dos respondentes é estudante do 1º e 2º anos da Licenciatura em Educação Básica (ESECS-IPL), num total de 92 alunos (55,4%).

A categorização efetuada na sequência do tratamento das respostas dos estudantes à questão “Refira os cinco problemas ambientais do planeta que, em seu entender são mais relevantes, mencionando-os por ordem decrescente de importância. Apresente uma breve justificação para cada opção referida”, foi obtida a partir da análise ao conteúdo das respostas dadas pelos estudantes, as quais foram integradas em temas ambientais aglutinadores, vali-

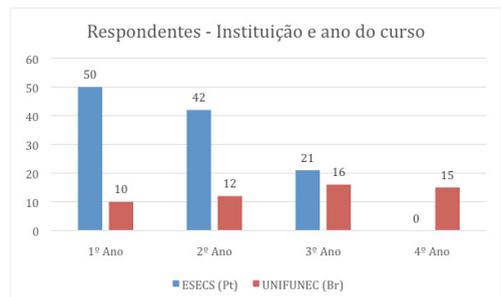


Gráfico 2. *Respondentes por instituição e ano do curso a que pertence.* Fonte: Elaboração própria

dados pela comunidade científica, e são apresentados na tabela 1.

Os resultados apresentados no gráfico 3 refletem apenas as categorias contendo um número significativo de respostas, ainda que outras existissem e tivessem sido

excluídas por não se considerarem representativas.

Da análise do gráfico, ressalta o facto de, em termos de resultados cumulados, a categoria “Contaminações” possuir bastante mais referências que as duas categorias

Categorias	Exemplo de unidade de sentido considerada
Contaminações	“que esta a tornar os espaços inabitáveis e o ar e a água tóxicos” (EEB75). “Por fim a poluição, das águas, do ar, o que leva a uma série de fatores prejudiciais ao meio ambiente e também ao ser humano” (EP52).
Alterações climáticas / Mudanças climáticas	“Existem graves problemas ecológicos relacionados com os oceanos, como a deterioração dos ecossistemas pelo aquecimento global...” (EEB4). “mudanças climáticas. O problema: a atmosfera e os oceanos estão sobrecarregados de carbono” (EP2).
Floresta	“Desflorestação, a quantidade de árvores que é curta e o uso excessivo de papel que é utilizado” (EEB 76). “Desmatamento: destruição das florestas e conseqüentemente causa outros problemas ambientais” (EP34).
Biodiversidade	“...devido à destruição dos habitats dos animais, como a caça furtiva e à introdução de espécies invasoras e como consequência disso, há cada vez mais extinção de espécies” (EEB48). “Extinção da espécie, estão sendo caçados até a extinção para a obtenção de carne marfim ou para a produção de produtos medicinais” (EP18).
Humanidade	“sobrepopulação que esta a gastar os recursos humanos rapidamente” (EEB75). “o crescimento da população faz com que a utilização dos recursos naturais, como a água, fique cada vez mais escasso” (EP9).
Resíduos	“deposito de resíduos nos rios, praias sujas” (EEB82). “Lixos nos mares. Essa prática vem causando sérios problemas para os animais que vivem no mar” (EP49).
Recursos hídricos	“...com a falta deste recurso, a população humana, animal e vegetal poderá ficar afetada tanto para o corpo para a agricultura, pois muita população tem estufas onde se criam alimentos e para além disso, a água é um bem essencial para a vida de qualquer habitante do planeta” (EEB48). “Escassez de água e saneamento, que infelizmente ainda é um problema, e faz parte da realidade de diversos povos” (EP52).
Outros recursos	“a falta de meios alternativos aos derivados do petróleo (para cessar com a exploração petrolífera)” (EEB94). “a exploração excessiva do solo causa impactos gravíssimos” (EP8)

Tabela 1. *Categorias e exemplo de unidades de sentido consideradas.* Fonte: Elaboração própria

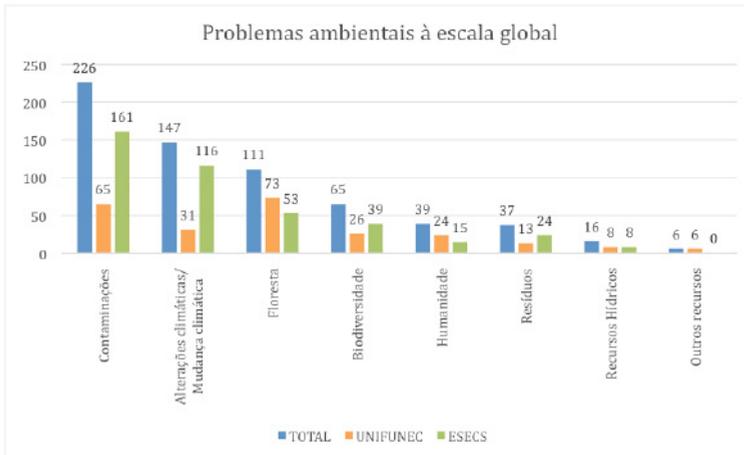


Gráfico 3. Categorização das respostas à questão “Refira os cinco problemas ambientais do planeta que, em seu entender, são mais relevantes, mencionando-os por ordem decrescente de importância. Apresente uma breve justificação para cada opção referida”. Fonte: Elaboração própria

seguintes - “Floresta” e “Alterações climáticas/Mudanças climáticas” - apresentam.

Numa análise mais refinada ao número de referências por categoria, salienta-se o facto de a categoria “Contaminações” ser a que contém mais referências de estudantes de ambas as instituições. Esta semelhança nas referências dos estudantes das duas instituições mantém-se para as categorias “Biodiversidade”, posicionada na quarta posição, “Recursos hídricos”, na sétima posição, e “Outros recursos”, na oitava e última posição. A categoria “Alterações climáticas/Mudanças climáticas” ocupa a segunda posição nas referências efetuadas pelos estudantes da ESECS-IPL, e ocupa a terceira posição nas referências dos estudantes da UNIFUNEC. O contrário sucede relativamente à categoria “Floresta”.

Da mesma forma, a categoria “Resíduos” possui referências dos respondentes da ESECS-IPL que a colocam na quinta po-

sição, enquanto os da UNIFUNEC a colocam na sexta posição; situação inversa ocorre com a categoria “Humanidade”.

O gráfico 4 reflete a categorização efetuada na sequência do tratamento das respostas dos estudantes à questão “Refira os cinco problemas ambientais mais relevantes de Portugal (no caso dos estudantes da ESECS-IPL) / do Estado de São Paulo (no caso dos estudantes da UNIFUNEC), no seu entender, mencionando-os por ordem decrescente de importância. Forneça uma breve justificação para cada opção indicada”. A presente categorização foi obtida a partir da análise ao conteúdo das respostas dadas pelos estudantes, as quais foram integradas em temas ambientais aglutinadores, validados pela comunidade científica, e já utilizados no tratamento da questão anterior.

A análise mais detalhada dos resultados evidenciados pelo gráfico permite cons-

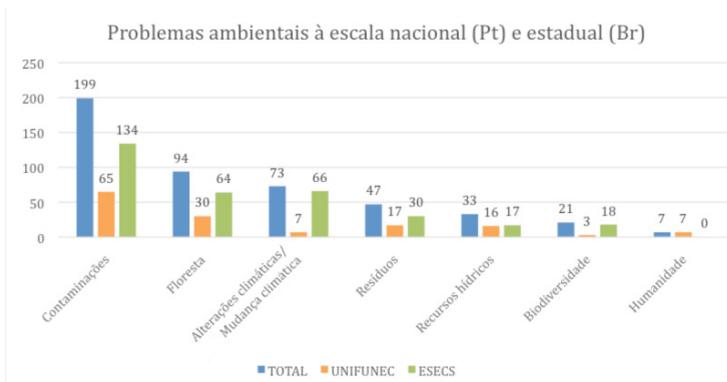


Gráfico 4. Categorização das respostas à questão “Refira os cinco problemas ambientais mais relevantes de Portugal (ESECS-IPL) / Estado de São Paulo (UNIFUNEC), no seu entender, mencionando-os por ordem decrescente de importância. Forneça uma breve justificação para cada opção indicada”. Fonte: Elaboração própria

tatar que a categoria “Contaminações” continua a merecer mais referências pelos estudantes de ambas as instituições, ainda que se tenha passado a analisar os contextos nacional (Portugal) e Estadual (Estado de São Paulo, Brasil). As categorias “Alterações climáticas/ Mudanças climáticas” e “Floresta” mantêm a segunda e terceira posições nas referências dos estudantes da ESECS-IPL, enquanto a categoria “Floresta” ocupa a segunda posição nas referências dos estudantes da UNIFUNEC, a que se segue a categoria “Resíduos”, que ocupa a quarta posição nas respostas da ESECS-IPL. A quarta posição nas referências dos respondentes da UNIFUNEC é ocupada pela categoria “Recursos hídricos”, que é a sexta nas referências dos estudantes da ESECS-IPL. A categoria “Biodiversidade” é quinta nas referências dos respondentes da ESECS-IPL e sétima nas respostas dos estudantes da UNIFUNEC. As respostas dos estudantes da UNIFUNEC colocaram em igualdade as categorias “Alterações Climáticas/ Mudanças climáticas” e

“Humanidade”, na quinta/sexta posições. Saliente-se que os estudantes da ESECS-IPL não referiram como relevante a ação humana enquanto causa de problemas ambientais em Portugal, o que causa alguma estranheza.

O gráfico 5 reflete as respostas dos estudantes à questão “É membro de alguma associação de defesa do ambiente?”, sendo possível constatar que de 166 respondentes apenas 7 (4,2%) afirmam sê-lo. De realçar que dos 7 estudantes que responderam afirmativamente, 3 pertencem à ESECS-IPL, representando apenas 2,7% dos respondentes desta instituição, e 4 pertencem à UNIFUNEC, representando 7,5% dos respondentes daquela instituição. Estes números, infelizmente muito baixos, parecem revelar algum desinteresse dos estudantes da ação ambientalista, tanto mais importante quanto os problemas ambientais parecem ser cada vez mais e mais complexos, e ter impactos sobre as respetivas vidas e dos demais cidadãos.

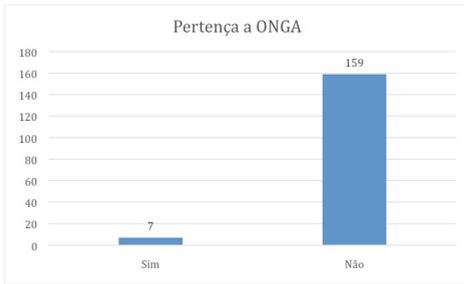


Gráfico 5. Pertença a Organização Não Governamental de Ambiente (ONGA). Fonte: Elaboração própria

Ao pedido de justificação para a adesão, ou não, a uma ONGA, foi possível encontrar respostas como as que se transcrevem e revelam, em alguns casos, abertura à eventual adesão a uma associação ambientalista, ou, mesmo, não aderindo, mostram ter preocupações e comportamentos ambientalmente mais harmoniosos:

“Não, mas acho importante e gostaria” (EEB69);

“Ainda não sou membro, mas é algo que tenho em mente, no meu futuro. Preocupo-me imenso com o estado do nosso planeta, e lutar por isso, junto com uma comunidade, partilhar as ideias e expô-las seria algo muito bom para nós enquanto sociedade, e para mim enquanto pessoa” (EEB4);

“Não sou membro, mas no meu dia a dia pratico atos básicos de proteção ambiental” (EEB92);

“Não sou, mas prezo pelo meio ambiente” (EP20);

“Não, mas faço a minha parte” (EP39);

“Eu faço minha parte para cuidar do meio ambiente” (EP43);

“Não sou membro de associação, mas faço tudo o que posso para preservação do meio ambiente” (49);

“Tento ter cuidado no meu dia a dia com a preservação do ambiente, no entanto não faço parte de nenhuma associação” (EEB99);

“Embora não pertença a nenhuma associação de defesa do ambiente, tento que a minha pegada ecológica seja a menor possível” (EEB101);

“Não faço parte de nenhuma em concreto, no entanto, sigo várias páginas e personagens que sensibilizam a defesa do ambiente sendo que tento ao máximo contribuir positivamente com tudo o que aprendo dessas páginas/pessoas.” (EEB50);

“Sou voluntária de um grupo que resgata animais abandonados e mau tratados e depois de reabilitá-los devolvemos à sociedade em forma de adoção responsável” (EP45).

Ao invés, a maioria das respostas centra-se no desconhecimento da existência de ONGA, em termos absolutos e a nível local, na existência de dúvidas sobre o seu funcionamento, mas também é referida a falta de vontade em procurar informação sobre as mesmas:

“Por que não tive a oportunidade e nem conheço nenhuma” (EP2);

“Não sou membro de nenhuma associação de defesa do ambiente, talvez porque não estou bem informada relativamente a esses tipos de associações.” (EEB6);

“Nunca fui convidada” (EP4);

“Não conheço nenhuma associação de defesa ao meio ambiente” (EP24);

“Porque não tenho conhecimento de nenhuma associação de defesa do am-”

*biente na minha zona.” (EP18);
“Talvez pela falta de incentivo e sem dúvida o comodismo” (EP26);
“Pois não tenho conhecimento de nenhuma associação no meu meio social, além de não possuir curiosidade de pesquisar sobre ONG ou associação” (EP51).*

O Gráfico 6 representa as respostas dos estudantes das duas instituições no que tange à autoavaliação da sensibilidade ambiental.

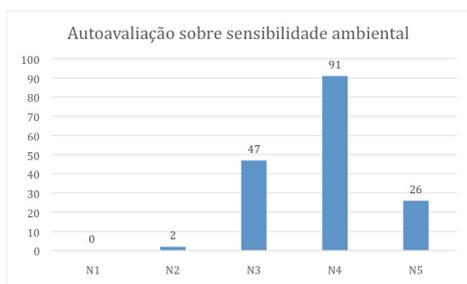


Gráfico 6. Autoavaliação da sensibilidade ambiental dos respondentes. Fonte: Elaboração própria

Da análise do gráfico, constata-se que apenas dois respondentes se autoavaliaram negativamente e, no extremo oposto, 117 respondentes se autoavaliaram como possuindo muita sensibilidade ou extrema

sensibilidade face às questões ambientais. Naturalmente, quando se cruza esta informação com as transcrições das justificações apresentadas pelos estudantes à questão anterior (É membro de alguma associação de defesa do ambiente?) parece existir alguma incoerência.

De forma a facilitar a percepção das respostas recolhidas por instituição, apresenta-se a tabela 2, em que é possível constatar que, percentualmente, 65,48% dos estudantes da ESECS-IPL e 81,13% dos estudantes da UNIFUNEC se autoavaliaram, respetivamente, como tendo muita sensibilidade e extrema sensibilidade às questões ambientais, facto que parece ser contrariado pelo tipo de argumentação escrita utilizada na justificação das opiniões expressas nas questões relativas à indicação dos principais problemas ambientais à escala global, nacional (Portugal) e estadual (estado de São Paulo, Brasil).

Autoavaliação sobre sensibilidade ambiental, por estabelecimento de ensino/país			
Nível de autoavaliação	ESECS	Unifunec	Total
1 – Nenhuma sensibilidade	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
2 – Pouca sensibilidade	1 (0,88%)	1 (1,88%)	2 (1,20%)
3 – Sensibilidade normal	38 (33,62%)	9 (16,36%)	47 (28,31%)
4 – Muita sensibilidade	63 (55,75%)	28 (52,83%)	91 (54,81%)
5 – Extrema sensibilidade	11 (9,73%)	15 (28,30%)	26 (15,66%)
Total	113 (100%)	53 (100%)	

Tabela 2. Autoavaliação sobre sensibilidade ambiental, por estabelecimento de ensino/país. Fonte: Elaboração própria

Considerações finais

A análise comparativa das opiniões expressas pelos estudantes da ESECS-IPL e UNIFUNEC relativamente aos problemas ambientais globais e, noutra escala, aos problemas ambientais nacionais (Portugal) ou estaduais (Estado de São Paulo, Brasil), evidenciam que:

- a quantidade de opiniões/preocupações reveladas pelos estudantes das duas instituições relativamente à problemática das contaminações destacam-se dos demais problemas evidenciados e são totalmente coincidentes, qualquer que seja a escala de análise;
- apenas a nível global, as preocupações reveladas pelos estudantes das duas instituições com a biodiversidade, recursos hídricos e outros recursos são também coincidentes, embora ocorram de forma progressivamente menos expressiva (quarta, sétima e oitava posições relativas);
- ainda à escala global merecem destaque as preocupações com os problemas relacionados com as alterações climáticas/mudanças climáticas, as quais ocupam as segunda e terceira posições para os estudantes da ESECS-IPL, posições que se invertem quando se trata dos estudantes da UNIFUNEC. O mesmo tipo de situação ocorre com os problemas associados aos resíduos e aos problemas resultantes de causa antrópica, que ocupam a quinta e sexta prioridades no caso dos estudantes da ESECS-IPL e cujas posições se invertem quando se trata das preocupações dos estudantes da UNIFUNEC;
- na análise à escala nacional (Portugal) e estadual (Estado de São Paulo, Brasil), merece destaque a manutenção das preocupações com a floresta, que mantém a sua posição relativa, ocupando, respetivamente, terceira e segunda posições que ocupavam a nível global;
- a esta escala merece, também, particular destaque o facto das alterações climáticas/mudanças climáticas se manterem como segunda prioridade nas opiniões dos estudantes da ESECS-IPL sobre problemas ambientais, enquanto no caso dos estudantes da UNIFUNEC passaram a ocupar a quinta/ sexta posição relativa, com o mesmo destaque das preocupações ambientais resultantes da atividade antrópica;
- a leitura atenta das respostas e respetiva formulação/estrutura indicia que muitas delas possam ter resultado de “consulta não desejada” à informação disponível na internet, e posterior utilização sem qualquer processamento por parte dos estudantes.

Este facto motiva alguma preocupação relativamente ao efetivo conhecimento dos estudantes relativamente aos problemas ambientais que referiram, bem como ao processo de construção do seu conhe-

cimento relativamente a esses mesmos temas;

- é preocupante a quantidade de estudantes, independentemente da instituição de ensino que frequenta, que manifesta não possuir qualquer vínculo e / ou conhecimento do movimento associativo ambiental, justificando o facto com o desconhecimento da existência de ONGA no país e/ou região onde vive, mas também por desinteresse perante as questões ambientais. Esta situação configura maior gravidade quando se trata de estudantes que pretendem ser professores;
- a informação obtida relativamente à autoavaliação da sensibilidade ambiental dos estudantes, em que a maioria se autoavalia como tendo muita sensibilidade e extrema sensibilidade às questões ambientais, parece contrastar com a qualidade da argumentação escrita utilizada na justificação das opiniões expressas nas questões relativas à indicação dos principais problemas ambientais à escala global, nacional (Portugal) e estadual (estado de São Paulo, Brasil);
- o conjunto de informações recolhidas e explanadas no presente trabalho podem constituir-se um alerta para situações de fragilidade ao nível das necessidades de formação curricular, teórica e prática, dos estudantes das licenciaturas em Ensino Básico e Pedagogia, no tocante aos grandes desafios ambientais que se colocam na atualidade;

- o presente trabalho, ao elencar e analisar as ideias dos estudantes sobre as problemáticas ambientais mais relevantes a diversas escalas territoriais, pode constituir-se uma mais valia na fase de conceção de projetos e iniciativas de educação ambiental para os países lusófonos e, por essa via, contribuir para a formação de professores e cidadãos ambientalmente mais esclarecidos e em harmonia com os contextos ambientais em que se inserem.

Referências bibliográficas

- Agência Portuguesa do Ambiente (2017). Estratégia Nacional de Educação Ambiental 2020. Lisboa. Consultado em 25/03/2022 em <https://enea.apambiente.pt/?language=pt-pt>
- BARDIN, L. (2015). Análise de conteúdo. Coimbra. Edições 70.
- CARMO, H. & FERREIRA, M. (2008). Metodologia da investigação - Guia para Auto-aprendizagem. Universidade Aberta.
- CRESWELL, J. W. & CLARK, V.L.P. (2013). Pesquisa de Métodos Mistos. Penso Editora LTDA.
- CÔRTEZ, P.L, DIAS, A.G., FERNANDES, M.E.S.T. & PAMPLONA, J.M.V. (2016). Comportamento ambiental: estudo comparativo entre estudantes brasileiros e portugueses. Ambiente & Sociedade. São Paulo Vol. XIX, n. 3, pp. 111-134. Consultado dia 10/03/2022, em: <https://www.scielo.br/j/asoc/a/8ssPzT3MmdvXfRZ9T6YZdn/?lang=pt&format=pdf>
- FERNANDES, F.A.M. (2001). O papel dos média na defesa do meio ambiente. Revista de Ciências Humanas (Taubaté) Vol. 7, n.8; Taubate, São Paulo, pp. 67-73
- GÜNTHER, H. (2006). Pesquisa qualitativa versus pesquisa quantitativa: esta é a questão? Psicologia: Teoria e Pesquisa, Vol. 22, p. 201-210. Consultado dia 24 de março de 2022, em: <https://www.scielo.br/j/ptp/a/HMpC4d5cbXsdt6RqbrmZk3J/?lang=pt>
- MÁXIMO-ESTEVEZ, A. (1998). Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou o Fio da História. Coleção infância. Porto: Porto Editora.

- PEDROSO, J.V. (Coord.) (2018). Referencial de Educação Ambiental para a Sustentabilidade para a Educação Pré-Escolar, o Ensino Básico e o Ensino Secundário. Lisboa: Ministério da Educação; Direção Geral da Educação, 2018. Consultado dia 25/01/2022, em: https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ECidadania/Educao_Ambiental/documentos/referencial_ambiente.pdf.
- MÁXIMO-ESTEVES, A. (1998). Da Teoria à Prática: Educação Ambiental com as Crianças Pequenas ou o Fio da História. Coleção infância. Porto: Porto Editora.
- MAZZOCATO, A.P.F. & RIBEIRO, P.C. (2013). A problemática ambiental global e local. Revista Eletrônica Do Curso De Direito Da UFSM, Vol. 8, pp. 611-618. <https://doi.org/10.5902/198136948388>. Consultada dia 10/03/2022, em <https://periodicos.ufsm.br/revistadireito/article/view/8388/5078>
- Ministério do Meio Ambiente-Secretaria de Articulação Institucional e Cidadania Ambiental-Departamento de Educação Ambiental (2008). Os Diferentes Matizes da Educação Ambiental no Brasil 1997/2007 (2ª Ed.). Brasília; Ministério do Meio Ambiente. Consultado em 27/02/2022, em https://aedmoodle.ufpa.br/pluginfile.php/231723/mod_resource/content/1/Escolas%20Sustent%C3%A1veis/dif_matizes.pdf
- SACHS, J.D. (2017). A era do desenvolvimento sustentável. Lisboa: Actual Editora
- SCHMIDT, L., NAVE, J.G. & GUERRA, J. (2010). Educação Ambiental - Balanço e perspectivas para uma agenda mais sustentável. Lisboa: Imprensa de Ciências Sociais.